

\* 8 MAI 1995  
O GLOBOFranklin  
Martins

## Com um pé no mundo

Fernando Henrique Cardoso desembarca hoje no Rio, vindo de Londres, quinze dias depois de ter passado uma semana nos Estados Unidos. Nos próximos meses, irá à Alemanha, à França e à Bélgica, e, no final do ano, ao Japão. De quebra, visitará até dezembro o Paraguai, a Venezuela e a Colômbia. Já esteve como presidente na Argentina e no Chile. Segundo os cálculos do Itamaraty, até o fim do ano, Fernando Henrique terá visitado entre dez ou doze países.

Nem Juscelino Kubitschek, que ficou conhecido como o "presidente Constellation" — numa referência ao quadrimotor que, na época, era a última palavra da aviação comercial — viajou tanto. Segundo o chanceler Luiz Felipe Lampreia, estamos na era da diplomacia presidencial. Contatos pessoais e frequentes entre chefes de governo seriam essenciais num mundo cada vez mais globalizado pelo espetacular progresso das telecomunicações. Não há realidade virtual que substitua o olho no olho.

Fernando Henrique, que adora viajar, fala fluentemente inglês, francês e espanhol e expressa-se em alemão tão bem como Sarney em castelhano — não dá para ler Schopenhauer ou Goethe, mas basta para elogiar um chucrute — sente-se em casa nessas viagens. O figurino de presidente-diplomata cai-lhe como uma luva. Outro dia, o senador Antônio Carlos Magalhães, que o acompanhou aos Estados Unidos, disse-me que ficou impressionado com o desembarço de Fernando Henrique em Washington e Nova York:

— Parece um peixe n'água. É o domínio das línguas. Já comigo é diferente. Aprendi inglês muito tarde e não me sinto à vontade. Não pego certas sutilezas e fico sem saber se o sujeito está falando sério ou brincando. Minhas reações tornam-se lentas. Viro um tímido.

Fez uma pequena pausa, espantado ele mesmo com a conclusão a que havia chegado. Em seguida, depois de matutar um pouco, arrematou, desalentado:

— É isso mesmo: no exterior, eu sou um tímido.

Já Fernando Henrique está ficando cada vez mais ousado lá fora. Em Londres, por exemplo, aumentou o tom de suas críticas aos organismos internacionais. Além de pedir reformas no sistema financeiro destinadas a criar uma rede de proteção às moedas nacionais ameaçadas pela velocidade e imprevisibilidade dos movimentos dos capitais especulativos, tema que já abordara

com o presidente norte-americano Bill Clinton, Fernando Henrique conversou com o primeiro-ministro John Major sobre a necessidade da ampliação do Conselho de Segurança da ONU.

Para Fernando Henrique, o órgão está "cámpenga". Desde que a ONU foi criada, sob o impacto da derrota do nazi-fascismo em 1945, a situação mundial mudou duas vezes. A primeira, ainda na segunda metade da década de 40, com o desmoronamento da aliança entre os países que lutaram contra o Eixo e o aguçamento do confronto entre capitalismo e comunismo. A segunda, nos últimos anos, com o vigoroso crescimento econômico da Alemanha e do Japão, potências excluídas das Nações Unidas, e com o desmantelamento da União Soviética e o fim da guerra fria.

Em cinqüenta anos, o mundo é outro, mas a ONU é a mesma. Cinco países — EUA, Grã-Bretanha, França, Rússia e China — têm poder de veto no organismo internacional. O resto viaja na segunda classe. Por isso mesmo, são cada vez mais fortes as pressões para a reorganização da ONU, adaptando-a à nova realidade mundial, com a inclusão da Alemanha e do Japão e de potências de porte regional no Conselho de Segurança.

A Grã-Bretanha, até agora, vinha resistindo tanto às mudanças no Banco Mundial e no FMI, como na ONU. Tudo que cheire a gastar mais e a mandar menos costuma ser mal visto em Downing Street, mas Major, para usar uma palavra da moda, flexibilizou sua posição. Fernando Henrique, voltará ao assunto até o fim do ano, em suas conversas com alemães, franceses e japoneses. Essas coisas não se decidem rapidamente. O importante é que estejam avançando. E estão. No mês que vem, o G-7, formado pelos países mais ricos do mundo, vai discutir o assunto.

Embora defendendo em Londres a ampliação do Conselho de Segurança, Fernando Henrique não colocou a candidatura do Brasil. Trata-se de uma gentileza com a Argentina, que, em tese, aspira à mesma vaga, caso ela venha a ser aberta. Mas, no Itamaraty, considera-se que Buenos Aires sabe que perdeu a parada, mantendo a postulação apenas por dever do ofício. Aliás, reservadamente, nossa diplomacia acredita que a Argentina já se conformou em ser o Canadá do Brasil. Na Casa do barão do Rio Branco, como se vê, punhos de renda só se usam em público.